

APLICABILIDADES DO ‘INÉDITO VIÁVEL’ PROPOSTO POR FREIRE NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL UNIVERSITÁRIO – ERE

Dilmar Xavier da Paixão¹

Gabriele Domeneghini Mercali²

Dinara Xavier da Paixão³

RESUMO: O centenário de nascimento do Patrono da Educação Brasileira, por si só, serviria de motivo aceitável para destacar e motivar releituras sobre o trabalho educador de Paulo Freire. Esse temário da aplicabilidade dos seus fundamentos epistemológicos e metodológicos encontra sobradas justificativas pelas exigências emergentes diante da pandemia ou, mais propriamente, da sindemia. Refletir criticamente e apresentar um compilado de relatos de experiência na vigência do Ensino Remoto Emergencial de universidades públicas gaúchas como propostas de discussões vindouras são os objetivos centrais deste estudo. Nascida da base fundante e conceitual do que seja o inédito viável, em Freire, fizeram-se diligências documentais e eletrônicas, consideraram-se relatórios formais, guias de registros, planos de ensino e avaliações de docentes e discentes, reunidos em um ensaio de abordagem compreensiva, qualitativa, descritiva e aplicada de estudo científico sistematizado em concomitância com a respeitabilidade ética das resoluções vigentes. As incertezas no momento que vivemos nos remetem a inéditos que se viabilizam o todo tempo e com eles o presente e o futuro a serem construídos. As bases alicerçadas deste relato reflexivo vinculam-se a evidências contemporâneas – anotações de vivências dos autores e análises de relatos e diários de campo – em diálogo com a obra de Freire, convidando à crítica, reflexão e releitura de seus fundamentos na busca por orientações dialógicas e aplicabilidades interdisciplinares possíveis para o ensino público formal e não-formal, que seja compreensivo, conectado, dialógico, humanizado e emancipador, fonte para a cidadania, o bem viver e a esperança em tempos melhores para todas as pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Inédito Viável. Paulo Freire. Interdisciplinaridade. Ensino Remoto Emergencial.

1 Doutor em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, E-mail: dilmarpaixao@yahoo.com.br

2 Doutoranda em Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: gabi_mercali@hotmail.com.

3 Doutora em Engenharia. Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. E-mail: dinara.paixao@eac.ufsm.br.

1. INTRODUÇÃO

O percurso consciente, reflexivo e comprometido com a ciência sobre os fundamentos epistemológicos e metodológicos da obra de Paulo Freire resulta inquestionável da sua travessia até o panorama da realidade brasileira e mundial. O momento é delicado e frágil sem dúvida. As surpresas e as emergências apresentadas pela pandemia tornaram expostas sérias fragilidades nas políticas públicas e nos múltiplos segmentos gestores, incluídas a gestão educacional e da saúde em todos os níveis de estratificação dos governos.

A formação integral com a atualização de competências para o século XXI dominava as discussões e estudos no período pré-pandêmico, quando fatores como a interdisciplinaridade e os horizontes da transdisciplinaridade agitavam motivações como dispositivos de exigência de responsabilização dos setores de ensino, formação profissional e de desempenho acadêmico. O fenômeno pandêmico abafou os debates, gerando como consequências inesperadas e indesejadas a secundarização deste temário para que os assuntos como covid, adoecimento e vacina pudessem ocupar os maiores espaços, principais manchetes na mídia diária e nas mensagens disparadas pelas pessoas.

O retorno às aulas nas escolas municipais, estaduais e do sistema particular destoa dos recordes de mortes e adoecimentos graves com tamanha virulência. As discussões, muito mais palpativas do que analisadas cientificamente, tendem a inferir que sejam fechados os olhos ao descontrole do vírus e ao crescente número de perdas de vidas, em alguns casos por falta de equipamentos, produtos e incapacidades estruturais instaladas, principalmente no sistema público de saúde. Aliás, de há muito, não se pode aceitar que se tratem as palavras *saúde e doença* com a simplificação reducionista de meros sinônimos, ou seja, menciona-se saúde na ótica simples da ausência de doença. Movimentações judicializadas denunciam como letal tanta irresponsabilidade. Nos noticiários tem-se que lotes de vacinas, além de escassos, chegam a locais equivocadamente, ou seja, com endereçamentos trocados e quantidades inadequadas ou são descartadas por deficiências no armazenamento. Problemas de decisões sem a melhor avaliação e planejamento. A troca frequente de gestores no nível do governo federal beira a insensatez e a incoerência, prevalecendo aspectos políticos partidários e interesses de certo grupo do que noções e prerrogativas técnicas e científicas.

Está provado que o retorno presencial não poupará vidas na comunidade escolar. O impacto da reabertura das escolas, do comércio e dos empreendimentos de modo geral segue sem cálculos exatos e mais tendendo a especulações. O que fazer com o meu filho e/ou a minha filha se a escola não abrir? Qual o papel dos veículos de mídia nesse contexto? Há luz no fim do túnel? Questões como essas forçam a individualizar opções que deveriam ser de cunho coletivo.

Quase sem palavras, as pessoas sentem o vírus mais perto de si, dos seus familiares, quando não, já atingidos por tamanha gravidade. O distanciamento social não tem provocado somente proteção tal qual o uso de máscara. Nem

tudo têm sido momentos de vitórias. Desgovernos e posições negacionistas ou, ao menos, controversas têm submetido professores, alunos, familiares e demais integrantes da comunidade escolar e operadores sociais a riscos de violência e morte. E o calendário escolar? A roleta russa da contaminação não tem respeitado aos protocolos ditos sanitários. Nem a vacinação em massa – dizem “rebanho” – atestará garantias de imunização plena. Há como separar a rede pública do setor privado num panorama desse porte? E o que poderá ser feito com as demais instituições da sociedade?

A violência simbólica e o currículo neutro de casos como esses são tão nefastos quanto a violência física em todos os seus modos de execução, de marginalização, de vulnerabilidades e exclusão. O ser humano doente pena ao desamparo de quem tem o dever constitucional (BRASIL 1988) de lhe prestar atendimento integral e com participação da comunidade. O artigo 196 da Constituição Federal do Brasil preceitua isso como dever do Estado e direito de todos no tocante à saúde e políticas públicas. Em específico, a educação tem considerações a partir do capítulo 205, como direito de todos e dever do Estado e da família, com a colaboração da sociedade. O artigo 206 e seguintes referendam princípios fundamentais como: igualdade de condições de acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas; a gratuidade do ensino público; a valorização dos profissionais do ensino; gestão democrática; e garantia do padrão de qualidade. O Plano Nacional de Educação (PNE) aparece no artigo 214, com o desenvolvimento do ensino focado na erradicação do analfabetismo; universalização; formação para o trabalho; melhoria da qualidade do ensino; e promoção humanística, científica e tecnológica (BRASIL, 1988).

O ensino remoto emergencial figura como medida amenizadora. Longe de ser consenso, surgiu com regramentos e poderes dos comandos institucionais. Decisões e contradecisões como se diz vulgarmente “em cima da hora” não alteravam somente encaminhamentos e orientações, mas o viver de famílias inteiras e, muitas vezes, drasticamente, valendo para o imediato. Artimanhas não evitaram o caos e nem garantiram cuidados, assistência adequada e redução da quantidade de mortes. A contaminação em massa e o contágio descontrolado e sem precedentes é culpa das escolas e instituições de ensino? Qual boletim epidemiológico apontou isso?

O *home office*, que pareceu privilégio na hipocrisia argumentativa de alguns dirigentes, obrigou docentes, muitas vezes sem condições financeiras e desconhecendo meios digitais a adquirirem, de um instante a outro, habilidades e instrumentais nunca imaginados. Mesmo na disponibilidade institucional da universidade, por exemplo, a tecnologia não alcançava a todos os profissionais da educação e nem a fluidez que passou a ser exigida praticamente de imediato. Alunos e professores viram-se obrigados a se posicionarem em frente a seus equipamentos muitos dos quais obsoletos e sujeitos à boa vontade de redes

instáveis de internet. Plataformas indicadas, não raras oportunidades, eram trocadas às vésperas de atividades escolares.

Outras questões latentes e de discussões obstruídas por motivos inexplicáveis e indefensáveis como a falta de interesses e óbices políticos institucionais apareceram timidamente. Lugar de criança é apenas na escola? É apenas de pais e de mães a responsabilidade pela educação? O que fazer quando filhos, filhas, mães e pais dividem o uso de equipamento digital único?

A briga política e a racionalidade econômica não têm impedido – nem escondido – o ciclo de miserabilidade de tantos, a depressão e o contágio até de políticos e seus eleitores. Ainda não é tempo para a educação ser prioridade?

O resgate do inédito viável proposto por Paulo Freire emerge com essa motivação e cuidado provocativo: há aplicabilidades possíveis disponíveis mesmo sob modalidades como o ensino remoto emergencial? A vivência autoral deste trabalho nutre-se de experiências em duas universidades públicas, respira informações partilhadas de escolas e universidades, bem como lê, com a ótica freireana de denúncia, pronúncia e anúncio, um denso conjunto de observações, manifestações e fatos amplamente divulgados pelos mais variados meios de informação, anotações do campo de prática profissional, de debates em reuniões e planos de ensino e de aula de acesso público e gratuito.

Desta forma, refletir criticamente e apresentar um compilado de relatos de experiência na vigência do Ensino Remoto Emergencial (ERE) em universidades públicas gaúchas⁴ como propostas de discussões vindouras são os objetivos centrais deste estudo. Metodologicamente, valeram-se os autores de diligências e estudos documentais e eletrônicos, computados elementos presentes em relatórios formais, guias de registros, planos de ensino e avaliações de docentes e discentes no período ERE. Faz-se relevante destacar que os planos de ensino e demais planejamentos similares sofreram adaptações para o novo momento de ensino, porém sem que houvesse um prazo ou perspectiva de retorno à suposta “normalidade”. Ações de intercâmbio, mesmo as conduzidas por meio eletrônico, quando seguiram submeteram-se a interferências inclusive das condições externas ao processo ensino-aprendizagem.

A mera alegação da possibilidade de vacina, por exemplo, não autoriza que se remetam para as retomadas de planos de atividades tradicionalmente previstos. Se tais preocupações e interferências devem ser admitidas na ambiência acadêmica, são inegáveis as mutações e referências no campo do saber popular, onde o impacto das situações ERE merecem discussões, estudos e abordagens ainda mais complexas, posto que nem sempre são reconhecidas com a devida estima como saber e conhecimento à luz do que temos como valor e um

4 Essa busca por ‘aplicabilidades’ no ERE reuniu anotações de vivências dos autores nas universidades públicas gaúchas dialogando com análises de relatos e diários de campo sobre experiências docentes e discentes nessas instituições. As universidades públicas gaúchas com maior número de registros acompanhados foram a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), embora, por intercâmbio de contatos de centros de estudos e pesquisadores, tenha sido possível saber de experiências nas demais universidades.

dos principais ensinamentos de Paulo Freire. Para essa discussão, estruturamos seções que abordaram os conceitos centrais deste ensaio, no intuito de aclarar a discussão sobre o Ensino Remoto Emergencial no contexto de ensino pandêmico e elucidar lições e aplicabilidades calcadas nos fundamentos de Freire para nosso presente e futuro. Finalizamos trazendo o entendimento de que pela educação é possível mudar.

2. EXPLICITANDO CONCEITOS COM DENÚNCIAS E PREOCUPAÇÕES

Essa seção tem por intuito elucidar os principais conceitos que perpassam a discussão das vivências no Ensino Remoto Emergencial à luz das ideias freireanas. Para tanto, iniciamos com o ‘inédito viável’ e toda sua bagagem emancipadora que apresenta e traduz lições e aplicabilidades no atual contexto de pandemia-sindemia como se explicará a seguir.

O ‘inédito viável’ não é uma simples junção de letras ou expressão idiomática, sem sentido. É uma palavra-ação, práxis, para expressar planos, projetos e atos de possibilidades humanas, com inquietude sadia e boniteza: afetiva, cognitiva, política, ontológica e ética (FREIRE, 2018). Junto a ela têm-se as noções do ‘percebido-destacado’ e das ‘situações-limite’ que compõem o seu entendimento.

O ‘percebido-destacado’ denuncia, na vida cotidiana dos sujeitos, tudo o que necessita ser enfrentado, discutido e superado, não podendo e nem devendo permanecer como está. Ele surge do afastamento das ‘situações-limite’ que, ao serem identificadas, podem ser objetivadas e compreendidas em profundidade; ao se tornarem destacadas do que aí está podem ser vistas como um ‘tema-problema’. As ‘situações-limite’ constituem-se em obstáculos na vida pessoal e social que precisam serem vencidas. Os indivíduos, ao entenderem criticamente os desafios implicados nessas situações, que passam a ser percebidos-destacados, se entregam a uma esperança e confiança e se sentem mobilizados a agir (FREIRE A., 2014).

As ações que rompem com as ‘situações-limite’ são denominadas de “atos-limites” que ajudam na superação do que está posto como dado, implicando em uma postura decidida dos sujeitos frente a sociedade. Essa conjectura denuncia a existência dos dominantes e dos oprimidos, sendo os segundos os que sentem no dever de romper as barreiras das ‘situações-limite’ e descobrirem o ‘inédito viável’ (FREIRE A., 2014; FREIRE, 2016).

Paulo Freire conferiu personalidade a conceitos como diálogo, liberdade e emancipação, os quais têm sido explorados com frequência na literatura acadêmica. O ‘inédito viável’ somente será alcançado através da práxis libertadora, se constituindo uma realidade inédita “ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada”. Quando ela se torna um ‘percebido destacado’ pelos sujeitos que

pensam utopicamente, o problema perde a característica de um sonho e pode, então, se tornar viável (FREIRE A., 2014, p. 106)

Desta forma, a emergência dos ‘inéditos viáveis’ provém de um processo pedagógico complexo, que inicia no estranhamento da realidade contando com a percepção crítica dos indivíduos envolvidos. Esta se constitui numa etapa que antecede a ação (PARO, VENTURA, SILVA, 2020).

Por que a escolha pelo termo *sindemia*? Ora, o panorama no qual se encontram os temas-problemas atuais é de *sindemia* global, para além de uma *pandemia*. Vive-se uma sinergia de epidemias, caracterizada pela obesidade e a desnutrição – principal causa de problemas de saúde em todo o mundo – somados aos efeitos das mudanças climáticas, que colocam em xeque a saúde do planeta. Essas três *pandemias* – obesidade, subnutrição e mudança climática – representam a *Sindemia Global*, que afeta a maioria das pessoas e densa em todos os países e regiões do mundo. Elas ocorrem simultaneamente em tempo e lugar, interagindo entre si e produzindo sequelas bem complexas (SWINBURN et al., 2019).

O termo *sindemia* foi cunhado pelo antropólogo médico americano Merrill Singer, na década de 1990, e explicita um cenário em que duas ou mais doenças interagem e causam mais danos do que a sua simples soma. As condições sociais são fatores decisivos, junto com os problemas ambientais, para o agravamento dessa realidade (CEE FIOCRUZ, 2020). Portanto, é imprescindível a análise dessas estruturas da sociedade que dificultam o acesso dos menos favorecidos à saúde, como também a condições de promoção de conhecimento. No tocante a isso, essa ‘situação limite’ é percebida e sentida pelos diversos sujeitos que não possuem acesso ao principal meio de ensino na *pandemia*, a internet, assim como são preteridos nas filas dos hospitais quando comparados aos detentores de planos de saúde do sistema privado de assistência.

O ‘percebido-destacado’ denuncia e o ‘ato limite’ liberta. A educação surge como superação do que está posto quando se mostra problematizadora de realidades como essa. Freire sustenta que a educação popular tem como essência um caráter propositivo e transformador que tem como base fundante a formação de sujeitos críticos, que problematizam as situações dadas. Preza por indivíduos protagonistas, que se ancoram na esperança, tolerância e autonomia, através de processos educativos dialógicos, libertários, solidários e transformadores. As ideias freireanas de práxis, sonho, utopia, futuridade, projeto e esperança levam a consecução do ‘inédito viável’ como um plano coletivo (PARO, VENTURA, SILVA, 2020).

Os inéditos que se viabilizam também devem estar a serviço da coletividade, não tendo um fim em si próprio. Configuram-se como sonhos fundamentalmente democráticos em prol do mais humano que habita os sujeitos e, dessa forma, intenciona transformar e mudar em uma nova sociedade que se mostre mais justa, democrática e menos feia (FREIRE, 2018).

O docente que atender à práxis libertadora proferida por Freire basear-se-á em valores como a humanização, a sensibilidade, o fomento do pensamento crítico e a integração dos indivíduos com o meio ambiente e a sociedade, aplicados, nesse caso, ao contexto de aprendizagem na universidade, escolas e demais espaços de interatividade formal e não formal para o ensino.

A mudança do ensino presencial para formatos de educação *online* e digital e o surgimento de formas remotas de ensino e aprendizagem em decorrência do fechamento de escolas, faculdades e universidades tornam a educação à distância uma preocupação para autoridades políticas, instituições de ensino, professores, alunos e familiares. Estas não são novas abordagens para a pedagogia, mas assumem uma relevância renovada nesse momento (WILLIAMSON; EYNON; POTTER, 2020).

O Ensino Remoto Emergencial se apresenta como uma mudança curricular temporária e alternativa devido ao cenário de crise instalado. Ele não se constitui de uma ação planejada e projetada com antecedência para se caracterizarem formalmente como educação à distância. Nesses parâmetros, podem-se observar inúmeras dificuldades enfrentadas, as quais decorrem da ação rápida para arrefecer uma emergência (BARBOUR et al., 2020).

Mais do que uma ou outra nomenclatura, inclusive das que atende a apelos publicitários, se Ensino Remoto Emergencial, Ensino à Distância, Ensino Híbrido, por Metodologias Ativas, Aprendizagem Significativa ou Conhecimento Baseado em Evidências é indispensável a intencionalidade humanizadora e a dialogicidade. Citando a fundamentação teórico-filosófica freireana sobre as condições do diálogo verdadeiro e seu papel para a educação libertadora, registrada em Pedagogia do Oprimido, Zitkoski (2018) destaca o diálogo em Freire e a dialogicidade como força que impulsiona o pensar crítico-problematizador da condição humana no mundo. Isso implica uma práxis social que é o compromisso entre a palavra dita e a ação humanizadora.

Com a chegada desses formatos de ensino inaugurados recentemente, a realidade da sala de aula sofreu alterações e com elas diversas 'situações limites', mencionadas por Freire, podem ser vivenciadas. Muitas questões são levantadas, nesse período, referentes ao trabalho do docente e às condições e ensino dos discentes. As respostas para essa maioria ainda são incertas. Certo é que inéditos se viabilizam o todo tempo e, com eles, o presente e o futuro a serem construídos.

3. UM ENSINO DISTANTE E OS FAZERES PARA ALCANÇAR ENTES DISTANTES DO ENSINO

A contribuição deste estudo com o objetivo de refletir criticamente e apresentar um compilado de relatos de experiência na vigência do Ensino Remoto Emergencial de universidades públicas gaúchas como propostas

de discussões vindouras para a gestão educacional e das políticas públicas ampliadamente, tem a crença de que a educação contribui desafiando e demonstrando que é possível mudar.

Se a vida só tem sentido a partir da busca incessante da libertação de tudo o que desumaniza e proíbe de ser mais humano, digno e livre, como ser existencialmente situado, é senso comum que há lacunas e graves problemas estruturais e de concepções organizativas e sistematizadas. “O que fazer” e o “não fazer” são dilemas que não podem ser menosprezados, dada a sua vinculação direta às condições de vida, de cidadania e de dignidade da existência humana.

Como foi mencionado, os planos de ensino e planos de aula organizados para os semestres segundo a rotina programada, em linguagem popular, foram “atropelados”, “tornaram-se inexecutáveis”, “perderam seus locais de realização”, “tiveram que receber não correções e acertos, e sim precisaram ser trocados de início ao final”. Anotações como essas tornaram-se frequentes em documentos, mensagens eletrônicas, relatórios formais e outras manifestações de discentes e docentes surpreendidos pela emergência do ensino remoto e pela extensão extremamente alongada e imprevisível quanto à duração e novas formas para o acontecer. A formação universitária sistematizada para ser desenvolvida com aulas, práticas disciplinares e estágios curriculares exclusivamente presenciais ficou impedida de prosseguir, sem que as determinações legais da gestão política, governamental e judiciária oferecesse um tempo mínimo para contato não disruptivos, minimamente traumático e que pudesse favorecer alguma orientação e consolo a todas as pessoas envolvidas nas relações antes estabelecidas. Como falar em humanização e vínculos diante de tudo isso? Os muitos registros, as guias e os diários de campo, os relatos interrompidos e materiais semelhantes das salas de aula à locais de ensino e aprendizagem nas universidades ou fora delas poderão constituir-se em fontes de rico conteúdo de pesquisas vindouras. Sublinha-se que ainda é impossível dimensionar-se o atual instante da posição temporal cronológica do contexto ERE.

Exposta a fratura referente à atividade educativa presencial, convém admitir que nos casos do ensino à distância emergiram novos desafios, praticamente suspendendo os momentos como tutoria e contatos administrativos, tendo a limitação restritiva para o distanciamento social. A diferença de uma aula presencial à contrapartida de uma aula *online* é evidente para as partes antes acostumadas ao modelo físico e presencial quase exclusivo. Gervai e Ninin (2015) argumentam que as mudanças aceleradas nas ferramentas de ensino adentraram a realidade brasileira e, desde então, a partir da Educação à Distância, os profissionais devem estar em constante adaptação e aprimoramento para as diferentes exigências que possam surgir. Entretanto, a comparação de Ensino à Distância-EAD e Ensino Remoto Emergencial-ERE vem sendo feita erroneamente, já que há uma contenda extensa entre essas duas realidades.

O formato no qual vêm sendo feitas as aulas e atividades via internet se sucedeu de formas destoantes das quais professores do sistema EAD estavam

acostumados. Com o impacto gerado pelo isolamento social imposto, as instituições de ensino tiveram que se adaptar a um ensino remoto distanciador de estudantes e professores fisicamente por forças maiores, além de, por ser emergencial, com a obrigação de mudanças repentinas nos planos pedagógicos, de ensino e planos de aula, para formas cuja maioria dos profissionais nunca tinha trabalhado em sua carreira.

É importante, como pronuncia Paixão (2018), entender e considerar a relação intersubjetiva caracterizada como sujeito-sujeito e a prática da solidariedade, da comunicação, do diálogo e da cidadania plena. Esse aprendizado precisa ser compreendido, aprendido e treinado nas metodologias, nas teorizações, nas práticas e nos procedimentos teóricos do ensino e da formação na escola e na universidade. E que sejam – como em Freire e Boaventura Santos – menos “norteadores”.

Ademais, as repercussões advindas dessa mudança rápida e inesperada afetaram diversos domínios da sociedade. Através das vivências de alunos do Sistema Remoto Emergencial, podem-se encontrar dificuldades com o aprendizado *online*, além dos diversos empecilhos sociais que os acometem: a falta de uma internet que seja adequada para aulas ao vivo, a inexistência, por vezes, de aparelhos celulares e computadores para o acesso às atividades, além da adequação do tempo, já que muitos estudantes nesse período precisam trabalhar para ajudar nas despesas familiares (GERVAI; NININ, 2015).

Outras experiências vividas no Ensino Remoto configuram a falta de auxílio institucional para unidades educacionais públicas e por problemas variados em questões infraestruturais e metodológicas. Acentuam-se os números elevados de estudantes dependentes do amparo oferecido no segmento universitário, por exemplo, tais quais os restaurantes universitários (RU), moradia, auxílio creche, monitoria e bolsa estudantil.

Os ideais de Paulo Freire de há muito citavam que se a educação não for libertadora, o oprimido passa a sonhar em ser o opressor (FREIRE, 2016). Assim, os empecilhos sociais não deveriam transcender ao direito à educação gratuita e de qualidade, ainda em época tão complicada e incerta, em que além da dificuldade da adaptação ao novo modelo emergencial de estudos, estudantes sofrem com o desamparo de direitos que deveriam ser gerenciados para que a totalidade dos que necessitassem tivessem acesso.

Estudantes fizeram o trancamento da matrícula. Houve quem se matriculou apenas no mínimo do aconselhado curricular. Aulas meramente expositivas foram ressuscitadas inadvertidamente e sem constrangimentos. A totalidade de quem deveria participar das aulas síncronas restou inatingida, posto que minimizada. Acesso à internet não é uma condição facilitada. O preparo dos docentes foi muito mais autodidático ou por interesse próprio do que por incentivos e métodos institucionais. Docentes, monitores, alunos e comunidade foram colocados à distância.

Sem apoio financeiro e isenções, como, estudante e docente, poderiam fazer trocas imperiosas dos seus equipamentos digitais? Enfim, mesmo a quem era

partícipe integrado e ativo no processo educacional, foi distanciado do que se esperava para o ensino-aprendizagem. E quem já estava distante disso tudo?

Se o ensino formal sofreu e segue vitimizado pelas decisões de distanciamento extremado, o que se poderia esperar do ensino e da aprendizagem não formal? Aos problemas da distância física e impedimentos materiais acrescentem-se os dramas dos sentimentos, desmotivações e condicionantes emocionais de desequilíbrios pessoalizados e familiares.

Exemplos podem ser listados. Avaliando os trabalhos executados por um grupo de trinta e sete alunos ingressantes num curso da área tecnológica, oriundos de todas as regiões do País, cujo tema proposto foi responder ao questionamento: “Como tornar o estudo eficaz na pandemia?”, constatou-se uma grande sincronia nas respostas e várias surpresas, principalmente entre os calouros em seu primeiro contato com o mundo universitário. Importante se faz salientar que tais estudantes não tiveram a oportunidade de conhecer a sua unidade acadêmica e a instituição e nem de compartilhar vivências presenciais com seus colegas, veteranos e professores.

Para agravar, diversos deles estão distantes há milhares de quilômetros, imersos numa cultura distinta do universo estudantil, que engloba hábitos e costumes diferentes, inclusive quanto ao vocabulário. Tal aspecto é significativo também, pois a interação com as pessoas, a cidade, os ambientes característicos da universidade, as atividades de lazer que, comumente, facilitam essa adaptação e aculturação, não estão ao alcance dos estudantes em decorrência da pandemia.

No trabalho solicitado, os alunos precisavam desenvolver duas temáticas: uma pesquisa que ampliasse os subsídios da aula sobre “técnicas para tornar um estudo eficaz” e, num segundo momento, relatar as suas experiências sobre “como estudar na pandemia e obter um bom desempenho”, tarefa semelhante de acolhimento e orientação aos calouros dos cursos.

Os relatos, praticamente sem exceção, enfatizaram estágios pessoais em “situações-limite” e apontaram significativas linhas para análise técnica, problematizadora e compromissada com o pensamento freireano. As citações mais frequentes foram: angústia e ansiedade, depressão, dificuldades de concentração, problemas técnicos relativos a equipamentos e rede de internet, além do aspecto do fuso horário ser diferente em alguns estados brasileiros. Casos extremos foram expostos, como o da estudante que, ao simples mencionar da palavra “pandemia”, apresentava reações físicas de estresse com tremores e transpiração excessiva. Por evidente, demandou, como será mencionado no próximo segmento, acolhida cuidadosa, aconchego fraterno e muito diálogo individualizado a ocasionar a substituição do enfoque principal do seu trabalho acadêmico.

O Ensino Remoto Emergencial foi apontado como um importante aprendizado para professores e alunos. Foram destacadas, porém, as dificuldades de acesso aos equipamentos e ao sinal de internet, o que acentuou as desigualdades. Houve citações de alunos com necessidade de dividir um único celular entre duas irmãs, por isso, tal aluna apenas assistia aula à tarde, pois pela

manhã o aparelho era compartilhado com sua irmã. Outro aluno vivia em zona rural, sem acesso à internet, por isso ele ia até a cidade mais próxima uma vez por semana, para baixar no celular o material disponibilizado pelos professores.

A maioria dos alunos destacou a necessidade de uma estrutura física adequada, além de equipamentos e internet de boa qualidade. A organização do local, sua iluminação e a ausência de ruídos foram citações recorrentes. Uma das revelações surpreendentes refere-se ao fato de que uma boa parte do universo analisado mantém um “caderno”, onde anota apontamentos de aula, ou resumos construídos após assistirem à aula ou outros materiais correspondentes ao tema na internet.

Quanto aos modelos das aulas, os alunos foram críticos, em especial, sobre os professores que apenas transpuseram suas aulas expositivas, com *slides/power point*, para aulas gravadas. Dentre os alunos respondentes, a maioria prefere receber o material previamente, mas reforça a importância da aula síncrona, no horário marcado, toda a semana, para as atividades compartilhadas entre colegas e professores, o que se transforma em incentivo e estímulo, como apareceu citado em muitos desses trabalhos.

4. LIÇÕES FREIRANAS E APLICABILIDADES POSSÍVEIS PELA INTERPROFISSIONALIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE

Pontuadas à luz do pensamento pedagógico de Freire, essas desigualdades sociais e educacionais, problemas graves da gestão de políticas públicas e a amplitude desafiadora do Ensino Remoto Emergencial e suas variantes, precisam ligaduras profundas e duradouras ao compromisso com os interesses, necessidades e aspirações da sociedade. Parte-se, portanto, ao exercício do raciocínio de possíveis aplicabilidades de lições freireanas como contribuições e estranhamentos desses novos tempos, resistência e esperança em prol da vida, da liberdade e da cidadania.

O papel social das políticas educacionais estende-se da formação dos profissionais à gestão competente dos diversos níveis de gerenciamento público. Pontos para esse encontro são buscados cotidianamente sob perspectivas, ao menos, do desempenho interdisciplinar com esperanças para a transcendência e transdisciplinaridade no futuro. A emancipação humana e social não é empreitada fácil. A formação de profissionais engajados com vistas à transversalidade do conhecimento convoca pensares e proposições para a universidade na sociedade e o mundo social que a circunda na universidade. Análises críticas, pesquisas com abordagens exploratórias e descritivas de vivência em ato e a reunião de ingredientes para uma epistemologia dessa interação entre saberes e práticas, notadamente aquelas no campo da educação, ressaltam a necessidade de uma

abordagem mais questionadora das políticas educacionais vigentes e revisional dos processos, inclusive da formação docente (PAIXÃO, 2019).

A quebra de paradigmas e do engessamento das instituições, com relevo as mais representativas das políticas públicas, correspondem a denúncias que façam o necessário enfrentamento dessas realidades e ao incentivo à construção de perspectivas crítico-reflexivas para a educação. Andreola (2018) cita o livro “A Educação na Cidade”, publicação organizada por Freire em 1995, para acentuar a interdisciplinaridade freireana como requisito para uma visão da realidade nas esperanças e expectativas da unidade e da totalidade do real. Planejamentos por equipes interdisciplinares de especialistas e representantes das escolas e comunidades avaliou o trabalho realizado e discutiu as participações.

Ao descrever a metodologia de investigação dos temas geradores no livro Pedagogia do Oprimido, Freire, segundo Andreola (2018), escreveu que cada uma das etapas foi realizada por equipes interdisciplinares. Como projeto de longo alcance, no livro “Educação como Prática da Liberdade”, de 1967, Freire descreve a investigação do universo vocabular com o trabalho feito por equipes de educadores e cientistas sociais em diálogos com alfabetizando sobre bases interdisciplinares.

Ampliando a compreensão conceitual e epistemológica e o predomínio da dimensão assistencial, Paixão (2019) assevera a educação como patrimônio de longos anos e que estará socialmente referenciada se incorporar valores locais da comunidade e se for atrevida a fomentar debates, no espaço universitário e fora dele, sobre a precariedade do acesso, a relevância do fortalecimento do diálogo e da qualidade do ensino na formação docente com políticas educacionais promotoras do bem viver e da emancipação humana e social. A formação de profissionais engajados com a transversalidade do conhecimento e voltados à prática profissional problematizadora e libertária continua a ser mais uma intencionalidade do que a realidade efetiva de influências nas salas de aula e postos de trabalho. Raras são as ocasiões de acompanhamento aos docentes e profissionais de áreas circunvizinhas da educação no processo de trabalho após a formação universitária. Trocas de experiências entre estudantes e profissionais podem até constar nos Planos de Desenvolvimento e outras documentações institucionais, porém essas informações são rasas ou acontecem pouco efetivamente.

O desafio de receber calouros de um curso e graduandos do início de semestres totalmente alterados poderia resultar na escolha ingênua de manter o *status quo*. Todavia, o inédito viável provocou, em concordância com a concepção freireana, criações praticáveis na linha da aplicação comunicativa e de consciência possível, não há limitante e reducionista transmissão de informações. As ações necessárias para romper essas situações dos atos-limites traduziram-se na práxis freiriana da inquietude, do enfrentamento, da germinação de transformações para a existência humana e ética. Entendendo as fraquezas e entristeceres do momento ante ao problema da sindemia, captou-se por intuição, sensibilidade,

razão e utopia da humanização inéditos viáveis fundamentais anunciadores da esperança viável e da convivência sensível.

A acolhida aos estudantes deveria mostrar-lhes o plano de ensino previsto sob o modelo ERE, fato praticamente tradicionalizado nos segmentos de disciplinas dos conteúdos programáticos universitários. Das leituras de Freire e outros autores que dialogam e propõem medidas pedagógicas com sintonia e interatividade, optou-se por aplicar os princípios centrais do inédito viável. O gosto por essa escolha avançou no entendimento de que aos ingressantes no curso universitário acrescia-se ambiências desconhecidas da imensa maioria. Se aos demais graduandos haveria a dificuldade de unir fragmentos de conteúdos disciplinares sedimentados em planos pedagógicos, de ensino e de aula imundados da surpresa do fenômeno pandemia. A estratégia da sala de aula invertida⁵, quando o educando assume o papel de protagonista foi inspirador para que, com clareza e repetição da prática dialógica, se montassem pequenos grupos organizados e sistematizados para o trabalho orientado de um monitor ou monitora, tendo apoio de monitores de referência, por sua vez distribuídos no contato direto com os docentes de cada parte do conteúdo. Assim sendo, os monitores auxiliaram cada docente na elaboração das aulas, tarefas e demais procedimentos pedagógicos. Os pequenos grupos, com seus monitores, assistiram e estudaram o material postado antecipadamente na plataforma Moodle, disponibilizada gratuitamente pela universidade. Realizada aula síncrona, com o objetivo precípuo de ampliar os ensinamentos e solucionar dúvidas, os monitores em seus grupos promoviam ações de reforço e revisão.

Convém destacar que no modelo do Ensino Remoto Emergencial preveem-se aulas síncronas e assíncronas, estas nas quais o estudante poderá acessar o conteúdo no horário em que melhor lhe aprouver. Apostando nos ensinamentos de Freire, a coordenação responsável pela disciplina antecipou contatos individuais com esses calouros, valendo-se da plataforma oficial Moodle, da encomenda de tarefas de apresentação pessoal do educando e para quem cumprisse essa demanda outras ações aproximativas e acolhedoras, inclusive por e-mail e aplicativo WhatsApp. De comum acordo, foram autorizados tanto o número do aparelho celular quanto o endereço de correio eletrônico. Este inédito causou uma surpresa mais agradável que o fenômeno do vírus.

Em outra experiência, embora a caracterização formal de disciplina, as aulas tiveram nova significância configuradas como Encontros Didáticos. Idêntica estratégia buscou acolher cada novo discente. Vale salientar que a apresentação por vídeo, carta, poema, canção, desenho e meios artísticos e criativos com tal

5 O conceito de sala de aula invertida prediz: “o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula”. Essa abordagem ensina o aluno a estudar de forma eficaz e o professor deixa de ser mero transmissor de informações para assumir funções mais orientadoras e tutoriais (BERGMANN; SAMS, 2018, p. 33). Seymour Papert, na linha do pensamento de Piaget, defendia na década de 60 uma didática em que o aluno usasse a tecnologia para construir o conhecimento. Próximo a isso, Paulo Freire se aproxima dessa “educação do futuro” adepto de que o professor transformasse a classe num ambiente interativo, usando recursos como vídeos e televisão (RAMAL, 2015).

liberdade favoreceram a troca de emoções, saberes e vivências, o que facilitou, sobretudo, o convívio durante as aulas. Poder-se-á dizer que uma dessas “disciplinas” promovia Encontros Didáticos no campo das práticas integrativas e complementares. No entanto, as duas outras disciplinas estavam submetidas ao regramento convencional do conteúdo curricular e seus métodos de aplicação na universidade. Nota-se que o inédito viável é possível e que depende de uma decisão docente e dos coletivos formados nos momentos preparatórios, de construção e desenvolvimento da disciplina. Ser criativo é querer, saber, decidir e ousar nas chances para tornar oportunas e adequadas as aplicabilidades.

Aprende-se em Paulo Freire (2014), que a esperança está na antecipação de um mundo novo e no movimento por algo melhor, potência para os humanos, como seres inconclusos, realizarem juntos o protagonismo e a interação dialógica colaborativa, com impulsos para intervir na realidade. Assim, por denúncias e anúncios, comprometer-se com a mudança e ousar modificações é aliar-se à intencionalidade ética e política de cultivar o bem viver e promover a emancipação social.

Como processo de politização dessa epistemologia há três palavras fundamentais apontadas por Santos (2012) para a escola, para a universidade e para a sociedade: descolonizar, democratizar e desmercantilizar. Estas expressões, mais do que núcleos conceituais, declaram o objetivo de unir a luta anticapitalista com a luta anticolonial. Reconhecendo-as, lamenta a segmentação por movimentos especializados em apenas uma delas e indica a busca por articulações sem destruir a diversidade interna de cada movimento, com o valor de serem rebeldes e competentes. Essas epistemologias do sul tornam-se visíveis ao empreender as lutas na sociedade.

Freire (2016) ensina que o diálogo não se concretiza entre quem nega o espaço à palavra e os que a tem negado, pois, se dizer a palavra é transformar o mundo, não há pronunciamento do mundo sem modificá-lo. A palavra ‘autêntica’ não é vazia, nem palavreado sem vínculos com a ação e a realidade. A pronúncia dialogada projeta mudanças, o futuro, o sujeito inventando-se, fazendo-se, criando-se e se recriando na perspectiva do ser mais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um projeto educativo de sensibilização é, mais do que nunca, urgente e necessário. O Ensino Remoto Emergencial é um ineditismo que precisa ser viabilizado para além dos aspectos rasamente formalizadores. As aplicabilidades do inédito viável proposto por Paulo Freire requerem entendimento consciente, compromissos com a viabilidade social, decisão política dos gestores e preparo adequado de todas as pessoas envolvidas para adotarem comportamentos criativos, permeáveis e de sensibilidades.

A interdisciplinaridade é, portanto, um objetivo próximo, uma esperança a alcançar, a utopia no horizonte e o sonho possível a ser buscado com extrema dedicação e espírito conquistador. Quanto mais forem formadas equipes interdisciplinares e preparados os profissionais para as contribuições técnicas e científicas apropriadas, sem excluir, mas acolhendo as participações populares, melhor se poderá buscar ativamente a prática da cidadania e da sociabilidade humanizada.

Experiências elogiáveis existem nas escolas e nas universidades, porém há pronúncias reservadas nas “disciplinas” dos cursos de graduação e pós-graduação e/ou nos departamentos compartimentados das faculdades e unidades acadêmicas sobre práticas emancipadoras. Isso autoriza inferir que a interdisciplinaridade ainda é incipiente, embora se revista como ato de coragem e de interesse em alguns locais e ambientes bem mais do que em outros. Espaços, propostas, protocolos, intenções e solidariedades, além de exemplos de práticas de ação, configuram modelagens ativas essenciais e democratizadoras.

O horizonte da transdisciplinaridade, todavia, quando as pessoas e as equipes profissionais intra e intergrupos possam respirar e viver prescrevendo e realizando em ampla sintonia, ainda é um ponto longínquo, passos mais à frente. Todavia, sejam essas intencionalidades e práticas programáticas, efetivas para a reflexão, os encontros, a criticidade, os diálogos interativos e integrados entre o processo formador, dos trabalhadores docentes e as políticas educacionais, principalmente as públicas, com o papel social e de cidadania desejável nas instituições de ensino.

Quicá para a sociedade, firmem-se experiências de emancipação humana e social, de pensar e propor a universidade na sociedade e a sociedade na universidade com vistas à formação de profissionais engajados com a transversalidade do conhecimento e a coragem de ousar o inédito viável freiriano.

REFERÊNCIAS

ANDREOLA, Balduino. Interdisciplinaridade, pp. 273-274. In.: STRECK, Danilo. R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

BARBOUR, Michael. K.; LABONTE, Randy; KELLY, Kevin; HODGES, Charles, MOORE, Stephanie; LOCKEE, Barb; TRUST, Torrey; BOND, Aaron; HILL, Phil. Understanding pandemic pedagogy: differences between Emergency Remote, Remote, and Online Teaching. *Special report of the State of the Nation: K-12 E-Learning in Canada project*, 2020. Disponível em: <https://k12sotn.ca/wp-content/uploads/2020/12/understanding-pandemic-pedagogy.pdf>

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. *Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*; tradução Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2018. Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Sala-de-Aula-Invertida-Uma-metodologia-Ativa-de-Aprendizagem.pdf>

BRASIL. Presidência da República Casa Civil. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 02 de abril 2021.

CEE FIOCRUZ. 'Covid-19 não é pandemia, mas sindemia': o que essa perspectiva científica muda no tratamento, 2020. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1264>. Acesso em: 03 de abril 2021.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Notas explicativas. In: FREIRE, Paulo (Org.). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/10.-Pedagogia-da-Esperan%C3%A7a.pdf>

_____. Inédito viável, pp. 263-265. In.: STRECK, Danilo. R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *A educação na cidade*. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GERVAI, Solange Maria Sanches; NININ, Maria Otilia. Mediação pedagógica: uma reflexão sobre a produção de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem, cap. 8, pp. 174-193. In: LOBATO, Maria Cristina; GERALDINE, Alexandra; CUNHA, Ana Lygia. *Educação a Distância – Particularidades e Desafios*. Belém: Aedi-UFPA, 2015. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/184/1/Livro_EducacaoDistanciaParticularidades.pdf

PAIXÃO, Dilmar Xavier da. *O compromisso da universidade com um quefazer público ao encontro da educação social e do bem viver: por uma pedagogia da comunicação universitária*. 2018. 426p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

_____. Transdisciplinar, Eu? Onde se aprende isso? Notificações e compartilhamentos da assimetria entre a formação docente e a prática profissional emancipadora, pp. 335-346. In: PORTELA, Keyla Christina Almeida; SCHUMACHER, Alexandre José (Org.). *Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 4*. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Disponível em: <https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/artigoPDF/19360>

PARO, César Augusto; VENTURA, Miriam; SILVA, Neide Emy Kurokawa e. Paulo freire e o inédito viável: esperança, utopia e transformação na saúde. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, n.1, pp. 1-22, 2020.

RAMAL, Andrea. *Sala de aula invertida: a educação do futuro*. Rio de Janeiro: G1 Educação, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/sala-de-aula-invertida-educacao-do-futuro.html#:~:text=Seymour%20Papert%2C%20na%20linha%20de,recursos%20como%20v%C3%ADdeos%20e%20televis%C3%A3o>. Acesso em: 29 de abril 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. Por qué las epistemologías del sur? UniRioTV. *Espacios de Coloniales. Universidad, movimientos sociales y nuevos horizontes del pensamiento crítico*. Universidad Nacional de Río Cuarto. Córdoba, Argentina, 28 maio 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KB6RbYWfzk0>. Acesso em: 02 de abril 2021.

SWINBURN, Boyd A. et al. The global syndemic of obesity, undernutrition and climate change: The Lancet Commission Report. *Lancet*, 2019. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(18\)32822-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(18)32822-8/fulltext) publicado online em 27 de janeiro de 2019. Acesso em: 03 de abril 2020.

WILLIAMSON, Ben; EYNON, Rebecca; POTTER, John. Pandemic politics, pedagogies and practices: digital technologies and distance education during the coronavirus emergency. *Learning, Media and Technology*, v. 45, n. 2, p. 107–114, 2020.

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/Dialogicidade, pp. 139-141. In.: STRECK, Danilo. R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

APPLICABILITIES OF THE 'UNPRECEDENTED VIABLE' PROPOSED BY FREIRE IN UNIVERSITY EMERGENCY REMOTE TEACHING - ERT

ABSTRACT: The birth centenary of the Patron of Brazilian Education, in itself, would serve as an acceptable reason to highlight and motivate reinterpretations about Paulo Freire's educational work. The applicability of its epistemological and methodological foundations is justified by the demands emerging in the face of the pandemic or, more precisely, the syndemic time. The central objective of this study is to critically reflect and present a compilation of reports of experience in the context of Emergency Remote Teaching from public universities in Rio Grande do Sul. Born from the founding and conceptual basis of what is the 'unprecedented viable', in Freire, documentary and electronic diligences were made, formal reports, record guides, teaching plans and assessments of professors and students were compiled in an essay with a comprehensive, qualitative, descriptive and applied approach of scientific study systematized in concomitance with the ethical respectability of the current resolutions. The uncertainties in the moment that we live refer to the 'viable' that are made feasible all the time and with them the present and the future to be built. The references of this reflective study are based on the contemporary evidences - notes of the authors' experiences and analysis of reports and fieldworks diaries - in dialogue with Freire's work inviting criticism, reflection and rereading of his foundations seeking for dialogic orientations and possible interdisciplinary applicability for formal and non-formal public education, which is comprehensive, connected, dialogical, humanized and emancipatory, source for citizenship, good living and hope for better times for everyone.

KEYWORDS: Unprecedented Viable. Paulo Freire. Interdisciplinarity. Emergency Remote Teaching.

APLICABILIDADES DE LO 'INÉDITO VIABLE' PROPUESTO POR FREIRE EN LA EDUCACIÓN REMOTA DE EMERGENCIA UNIVERSITARIA - ERE

RESUMEN: El centenario del nacimiento del Patrono de la Educación Brasileña, en sí mismo, sería un motivo aceptable para resaltar y motivar reinterpretaciones sobre el trabajo educativo de Paulo Freire. La aplicabilidad de sus fundamentos epistemológicos y metodológicos se justifica por las demandas emergentes ante la pandemia o, más precisamente, la sindemia. El objetivo central de este estudio es reflexionar críticamente y presentar una recopilación de Informes de Experiencias en el contexto de Educación Remota de Emergencia de las universidades públicas de Rio Grande do Sul. Nacido de la base fundacional y conceptual de lo que es lo 'inédito viable', en Freire, se realizaron diligencias documentales y electrónicas, se recopilaron informes formales, guías de registro, planes de enseñanza y valoraciones de profesores y estudiantes en un ensayo de abordaje integral, cualitativo, descriptivo y estudio científico aplicado sistemático en concomitancia con la respetabilidad ética de las resoluciones vigentes. Las incertidumbres en el momento que vivimos se refieren a los 'inéditos' que se hacen viables todo el tiempo y con ellos el presente y el futuro a construir. Las referencias de este estudio reflexivo se basan en la evidencia contemporánea - notas de las experiencias de los autores y análisis de informes y diarios de campo - en diálogo

con la obra de Freire, invitando a la crítica, la reflexión y la relectura de sus fundamentos en la búsqueda de orientaciones dialógicas y de posible aplicabilidad interdisciplinar para la educación pública formal y no formal que sea integral, conectada, dialógica, humanizada y emancipadora, fuente de ciudadanía, buen vivir y esperanza de tiempos mejores para todas las personas.

PALABRAS CLAVE: Inédito Viable. Paulo Freire. Interdisciplinariedad. Educación Remota de Emergencia.